

EN ABYA YALA SE BAILA ASÍ: VOZES INDÍGENAS EM FAVOR DE UM ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA CONTRACOLONIAL E COSMOPOLÍTICO

Thiago Alexandre Correa¹

Resumo: O título deste artigo faz referência ao primeiro verso de *Cerquita*, composição que abre o disco *Janaqueo* (2022) da artista transdisciplinar mapuche Brisa Flow. A expressão *Abya Yala* presente nesta composição – e que também percorre todo o disco da cantora – é um termo que tem sido utilizado por diversos povos indígenas como forma de questionar a expressão América, por esta fazer referência a um colonizador, e também como forma de reivindicar autonomias e autodeterminações culturais e políticas (Keme, 2018). Assim, o que se pretende com este texto é apresentar algumas considerações sobre a necessidade de se confrontar as ideologias dominantes e demonstrar a importância das vozes indígenas no ensino de língua espanhola, seja para valorizar seus saberes intelectuais e artísticos, seja para promover um ensino de língua contra-hegemônico e cosmopolítico.

Palavras-chave: Abya Yala; Ensino de espanhol contra-hegemônico; Brisa Flow; *Janequeo*; Arte indígena contemporânea; Cosmopolítica.

Resumen: El título de este artículo hace referencia al primer verso de *Cerquita*, la composición que abre el disco *Janaqueo* de la multiartista mapuche Brisa Flow. La expresión *Abya Yala* presente en esta composición – y que también recorre todo el disco de la cantante – es un término que ha sido utilizado por diversos pueblos indígenas como una forma de cuestionar la expresión América, por referirse a un colonizador, y también como una forma de reivindicar la autonomía y la autodeterminación cultural y política. El objetivo de este texto es, por lo tanto, presentar algunas consideraciones sobre la necesidad de confrontar las ideologías dominantes y demostrar la importancia de las voces indígenas en la enseñanza del español, tanto para valorizar sus conocimientos intelectuales y artísticos como para promover una enseñanza de la lengua española contrahegemónica y cosmopolítica.

Palabras clave: Abya Yala; Enseñanza del español contrahegemónico; Brisa Flow; *Janequeo*; Arte indígena contemporáneo; Cosmopolítica.

¹ Mestre e doutorando em Letras - Estudos Literários (UFPR). Atualmente é professor colaborador temporário no Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Considerações iniciais

A intenção deste trabalho é argumentar sobre a importância da presença indígena na defesa de um ensino de língua espanhola contracolonial e cosmopolítico. Inicio a abordagem justificando o título do texto, por fazer referência direta a uma composição musical da artista mapuche Brisa Flow. Para isso, será realizada a apresentação da artista e de seu mais recente disco *Janequeo* (2022), sendo este trabalho o principal estímulo disparador das reflexões que serão apresentadas aqui. Também será comentado sobre Brisa Flow ser uma das atuantes da efervescente da *Arte Indígena Contemporânea* (AIC), idealizada conceitualmente pelo também multiartista indígena macuxi Jaider Esbell, e que tem como um dos centrais princípios a defesa da vida, da e na Terra, em relação com as mais variadas formas de vida, humanas e mais que humanas.

Em seguida, apresento algumas considerações teóricas sobre a categoria *Abya Yala*, a qual tem expressiva presença no disco da rapper e também por ser uma categoria que tem sido reivindicada e repercutida entre povos indígenas de várias regiões deste continente. Como fundamentação teórica, apresento o célebre ensaio do pensador Emil' Keme, *Para que Abya Yala viva las Américas deben morir: hacia una indigenidad transemisférica* (2018). Neste texto, um dos principais argumentos levantados pelo pensador indígena é o de que o uso da categoria *Abya Yala* é uma forma de defesa das autonomias e da dignificação das identidades e vidas indígenas, uma vez que a palavra América faz referência a um colonizador, e que o primeiro ato para uma prática decolonial é confrontar as violências por trás das categorias impostas pela colonialidade.

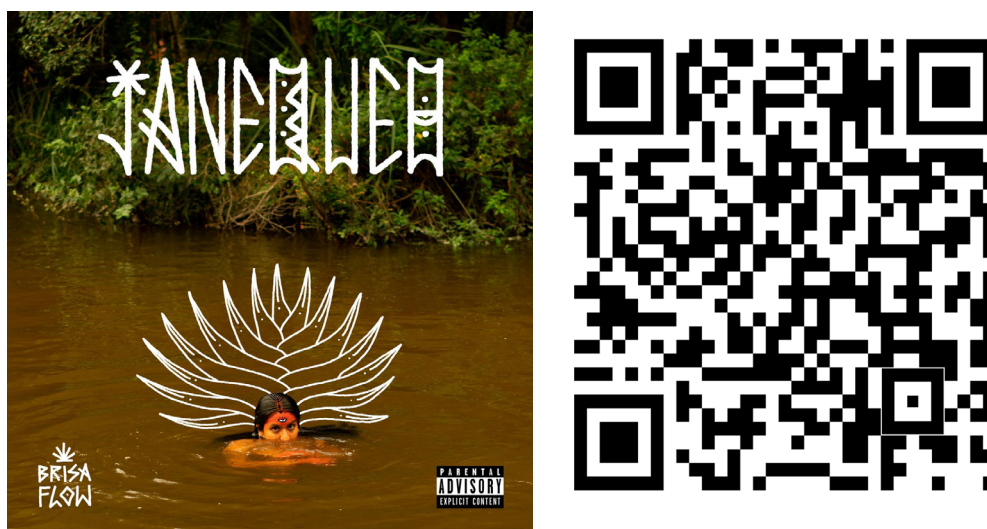
Na sequência, procuro apresentar algumas considerações que visam fomentar uma instrumentalização consciente que possibilitem a formação de professores de língua espanhola antirracistas e com a devida consciência cultural e cosmopolítica, como forma de agir na atuação de um ensino de espanhol que não perpetue hegemonias e que valorize devidamente a diversidade cultural e epistêmica. Argumento que o disco *Janequeo* (2022) de Brisa Flow apresenta-se como um valioso trabalho, seja por fazer da língua espanhola uma ponte de valorização das línguas indígenas, seja pela originalidade criativa reverberada pelas rimas da rapper, ao confrontar as amarras coloniais e principalmente por defender enfaticamente o Bem Viver, ou seja, o direito à vida não apenas dos seres humanos, como também da Terra e da natureza em sua totalidade.

Ao final do texto, são sintetizadas as considerações que foram apresentadas nas seções anteriores, enfatizando a valiosa contribuição promovida pelas artes e saberes indígenas, ao convocar modos mais cuidadosos de se relacionar com a Terra, assim como outros modos de ler, ouvir, agir e sentir, e relacionar-se com o cosmos, em uma prática de vida consciente, desanestesiada, sensível e cosmopolítica.

Brisa Flow: o livre canto do vento de la Cordillera

A quem estiver lendo este texto, convido a que antes de prosseguir a leitura faça a audição musical da canção *Cerquita*, disponível no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Qmvno3yzGrg>, e no seguinte QR Code ao lado da capa do disco abaixo. É a música que abre o álbum e gostaria também de começar este trabalho por ela, pois dessa forma se possibilitará uma melhor ambientação sobre as reflexões que serão levantadas ao longo do texto:

Figura 1 – Capa do disco *Janequeo*



Fonte: Boomegang Music, 2022.

Esta composição é de autoria de Brisa de La Cordillera, conhecida artisticamente como Brisa Flow, multiartista mapuche que, por meio de sua insurgente e instigante atuação artística transdisciplinar, tem fertilizado criativa e politicamente o território das artes contemporâneas. Em entrevista concedida ao podcast *Rap, falando*², a cantora afirma que seu nome foi escolha de sua mãe, e que acredita que essa decisão tenha razões políticas e espirituais. Políticas, pois seus pais foram condicionados a abandonar o Chile durante a ditadura militar, e durante esse percurso, sua mãe cruza grávida a Cordilheira dos Andes, com Brisa já em sua barriga. E espirituais, pois acredita que nesse momento já existisse em sua mãe esse ímpeto espiritual, de que o nome escolhido carregasse significados mais profundos e que – direta ou indiretamente – viriam a reverberar futuramente na vida de sua filha. Nas próprias palavras da artista:

[...] eu acho que ela botou esse nome porque ela veio [de um] contexto de ditadura [...]. O Chile teve uma ditadura foda, né, ela veio nos anos 87. Então, ela cruza a Cordilheira dos Andes –

² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PhHt_w3Jz5A&t=3993s. Acesso em: 26 de jan. de 2024.

e acho que ela e outro amigo dela que a ajudou, ela construiu o nome também a várias pessoas, são pessoas chilenas no Brasil. Então, assim: você para e pensa no contexto que a gente tem de migração, [já] que a migração originária inteira na América Latina é muito grande, é uma migração constante. Tanto que, as pessoas nem gostam desse nome “migração”, a gente curte um nome mais... “caminantes”, porque eu acho que a gente tá caminhando, né. Essa coisa de migrar é muito [...] [relacionada ao] território com essas fronteiras fictícias que a gente cria, e quem “vem da onde” é migrante. Pô, se for parar pra pensar, tá todo mundo caminhando, né. E aí, a galera migrante sofre muito, muita xenofobia pesada, tem o sonho de liberdade. Às vezes, sai do seu país não porque quer, [mas] porque tá num contexto político foda; porque não tem emprego, sacô; porque tá na miséria; porque algum familiar veio pra outro país e já falou “óh, aqui rola de trabalhar, pode vir”. [...] Então, eu acho que ela teve essa pira do nome, muito pra me dar um nome já – eu acho que – espiritualmente. Brisa é vento e Cordilheira é as montanhas. Na cultura mapuche, a gente acha que o canto vem do vento, então eu acho que a minha mãe já me botou no corre ali, me botou esse nome, saca. Então, eu acho que tem muito a ver com esse sonho de liberdade, sabe, da Brisa, da Cordilheira dos Andes livre (Flow, 2022).

O fragmento dessa entrevista é expressivo por apresentar a artista da maneira mais emblemática possível, e contribui ainda para melhor exemplificar o que se pretende com este trabalho, que é o de demonstrar como os saberes e percepções poéticas dos povos indígenas são valiosas, tanto para o ensino e formação de professores de língua espanhola, quando para oferecer outros modos de ler o cosmos e construir ações teóricas e metodológicas mais cuidadosas e sensíveis com a Terra. Nota-se, pela ação de Brisa Flow, que os ventos da Cordilheira dos Andes reverberam no seu nome e em sua ação artística. Conscientemente ou não, o ato de sua mãe indica uma disposição de cuidado cosmopolítico, componente que se manifesta com recorrência nas artes indígenas contemporâneas, ao enfatizar o encontro dos variados componentes da Terra, promovendo uma vivência que se preocupa com a presença de todos os seres que habitam o cosmos e que não se reduzem à espécie humana.

Assim, considerando que seu nome está vinculado à Cordilheira dos Andes, parece que Brisa reverbera a existência das imponentes montanhas e do canto presente no vento que por elas percorre, seja pelo nome, seja pela atuação artística. Importante enfatizar que as montanhas são também habitantes de Abya Yala, seres tão fundamentais para a mútua existência entre as variadas formas de vida e que, assim como indica Brisa na citação acima, devem ter sua liberdade e suas vidas asseguradas.

Seu trabalho é um dos exemplos da efervescente *Arte Indígena Contemporânea* (AIC) – “enunciada, planejada, sonhada, verbalizada e praticada nestes termos por um grande artista pessoal que é Jaider Esbell (Librandi, 2022)”. Jaider Esbell (em memória), atuou vigorosamente em defesa da arte como ferramenta de expressão artística e política em favor das autonomias dos povos indígenas e de defesa pela preservação da Terra e dos direitos da vida, em suas mais variadas manifestações. Assim, é compromisso da AIC nutrir o desenvolvimento de práticas artísticas que tenham como eixo a defesa do Bem Viver, do cuidado mútuo entre as variadas formas de vida, dos rios, dos vegetais, das cordilheiras, dos humanos e mais-que-humanos.

A respeito da noção de Bem Viver, defendida sobretudo por povos indígenas, andinos, amazônicos e demais empenhados em enfrentar as violências coloniais e extrativistas, o pensador equatoriano Alberto Acosta – que esteve envolvido na Assembleia Constituinte do Equador de 2008, “a primeira do mundo a incluir os direitos na natureza, da Mãe Terra, de Pachamama (Turino, 2016, p. 13)” – em seu livro *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos* (2016), sintetiza:

Neste livro, o Bem Viver, Buen Vivir ou Vivir Bien também pode ser interpretado com *sumak kawsay* (kíchwa), *suma qamaña* (aymara) ou *nhandereko* (guarani), e se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida. Não se trata de uma receita expressa em alguns poucos artigos constitucionais e tampouco de um novo regime de desenvolvimento. O Bem Viver é, essencialmente, um processo da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza. Os indígenas não são pré-modernos nem atrasados. Seus valores, experiências e práticas sintetizam uma civilização viva, que demonstrou capacidade para enfrentar a Modernidade Colonial. Com suas propostas, imaginam um futuro distinto que já alimenta os debates globais. O Bem Viver faz um primeiro esforço para compilar os principais conceitos, algumas experiências e, sobretudo, determinações práticas existentes nos Andes e na Amazônia, assim como em outros lugares do planeta. (Acosta, 2016, p. 23).

A defesa pela vida na Terra em sua totalidade é também uma constante reivindicação reiteradamente enfatizada pela líder indígena e atual Ministra do inédito e recém-criado *Ministério dos Povos Indígenas do Brasil* (2023)³, como verbalizado em uma de suas mais conhecidas e mais necessárias afirmações: “A luta pela Mãe Terra é a mãe de todas as lutas (Sônia Guajajara⁴, 2021)” A defesa pelo

³ Endereço institucional do Ministério dos Povos Indígenas: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/acesso-a-informacao/institucional>. Acesso em: 20 fev. de 2024.

⁴ A decisão de empregar o nome e o nome do povo da autora da citação foi uma recomendação de Trudruá Dorrico, Doutora em Teoria da Literatura e pesquisadora de Literatura Indígena. A pensadora defende que essa é uma forma de evitar generalizações, já que há várias lideranças e

Bem Viver, pela afirmação da vida em sua totalidade, pela proteção da Terra e de todos os seres que compõem o cosmos, assim, são componentes centrais na atuação da cosmopolítica da Arte Indígena Contemporânea.

Como já indicado brevemente, Brisa é filha de “migrantes” mapuches, que se deslocaram de seu território de origem em plena ditadura chilena em busca de melhores condições de vida. Utilizei apenas provisoriamente a expressão “migrantes”, pois como pudemos aprender com a própria Brisa, na citação elencada nos parágrafos acima, a designação mais justa para essa condição de mobilidade talvez seja “caminhantes”. Afinal, a ideia de imigração/migração está diretamente vinculada às categorizações de fronteiras políticas estabelecidas pelos poderes dominantes, e que, portanto, são dinâmicas que também devem ser tensionadas. Afinal, como bem afirma a também multiartista indígena, Kaê Guajajara, em sua canção *Mãos Vermelhas*, “ninguém é ilegal em terra roubada (Kaê Guajajara, 2020)”⁵. Ao levantar esses apontamentos relacionados às expressões *imigrantes* e *caminhantes* não pretendo – obviamente – minimizar a gravidade dos deslocamentos que são impostos compulsoriamente, muitas vezes por roubos de terra e demais violências aplicadas contra os povos originários. Pelo contrário, essa é uma problemática que ainda não tem a atenção que deveria, e que, também por isso, a Arte Indígena Contemporânea tem atuado para potencializar a luta contra essas violências. Contudo, ao abordar o deslocamento dos pais de Brisa – do Chile para o Brasil – e ao constatar as provocações da artista sobre as significações de *imigrantes/migrantes* e *caminhantes*, considere importante me deter brevemente a essas breves considerações conceituais.

Apesar de nascida em Minas Gerais, Brisa de La Cordillera relata que desde sua infância conviveu com a presença da cultura mapuche em meio a sua vivência cotidiana. Seus pais são artesãos araucanos e é por meio do seu convívio familiar que vão sendo cultivadas as primeiras influências que compõem seus trabalhos com a música. Em outra entrevista, dessa vez para a *Ponte Jornalismo*,⁶ afirma que, para sanar um pouco as saudades do Chile, seus pais assistiam ao VHS do *Festival Viña del Mar*, estimulando nesse momento de sua infância suas primeiras performances artísticas diante da TV.

Foi também desde muito cedo que teve de enfrentar as violências racistas e xenofóbicas impostas pela sociedade, tendo sido este um dos impulsos que a levaram a desenvolver essa consciência crítica relacionada às opressões de diversas

ativistas indígenas que utilizam o nome de seu povo. Assim, considerando que existem vários pensadores Guajajaras, por exemplo, é importante especificar qual a autoria complementando com o primeiro nome, Sônia Guajajara, de forma a assegurar os devidos créditos.

⁵ O trecho em questão inicia em 1 min e 40 seg do seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=nZxUSD0LSao>. Acesso em: 31 jan. de 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9-TI7GJa7bI&t=41s>. Acesso em 26 de jan. de 2024.

ordens. As rimas acabaram sendo um dos caminhos nutridos pela artista como modo de denunciar essas violências físicas e simbólicas e, ao mesmo tempo, se expressar criativa e subjetivamente.

Seu mais recente disco, *Janequeo* (2022), é exemplo de como a arte tem sido um caminho fertilizado por ela em favor do Bem Viver, e para que a defesa do Bem Viver seja exercitada, é indispensável que a colonialidade (e as violências físicas e estruturais desencadeadas por ela) seja constantemente confrontada. Mas apesar de o disco apresentar as tão necessárias denúncias, ele não se reduz a essa carga negativa de violência. Ele é também preenchido de mensagens em defesa do amor, do cuidado e do Bem Viver, componentes estes que são tão indispensáveis para a afirmação da vida.

As composições do disco trazem em suas letras as línguas espanhola, inglesa, portuguesa e também apresentam trechos em mapudungun. Reside aqui um dos componentes de destaque para a grandiosidade da obra. Apesar de ter nascido no Brasil, a cantora teve oportunidade de conviver com a língua espanhola e afirma que recentemente está em um processo de retomada do mapudungun, como forma de fortalecimento dessa língua ancestral.

A originalidade artística e os temas levantados nas composições do disco já seriam merecidos e suficientes motivos para incluí-lo nas aulas de espanhol e de formação de professores de língua espanhola. Contudo, gostaria de enfatizar essa outra valiosa e política contribuição, a de tornar a língua espanhola uma potente via de discussão e de valorização das demais línguas indígenas existentes – e ainda não oficializadas em Abya Yala e nem suficientemente valorizadas pelos poderes dominantes – como é o caso do mapudungun – presente no álbum da rapper.

Cultivar imaginários contra-hegemônicos em Abya Yala em defesa da vida

Em seu célebre ensaio *Para que Abiyala viva, las Américas deben morir: hacia una indigeneidad transhemisférica* (2018), o pensador indígena k'iche', Emil'Keme, articula algumas considerações sobre a importância discursiva, linguística, histórica e política desencadeada a partir do uso da categoria Abya Yala⁷. Contextualiza afirmando que essa terminologia se origina da cosmogonia do povo Guna, população que vive no território que hoje é conhecido como Guatemala. Abiyala significa Terra Fértil, Terra madura, Terra Viva ou território salvado, e esta terminologia é empregada por muitos povos indígenas para se referir ao continente americano em sua totalidade. Em seu ensaio, o autor apresenta alguns importantes dados históricos sobre como esse conceito começou repercutir entre lideranças indígenas:

⁷ Não há uma única forma de grafia desta categoria, por isso optei por utilizar a maneira empregada por Brisa Flow em seu disco.

El concepto llegó a tener una repercusión continental luego de que el líder aymara, Takir Mamani, uno de los fundadores del movimiento indígena Tupaj Katari en Bolivia, llegara a Panamá, y escuchara sobre el conflicto entre las autoridades Guna y el norteamericano Thomas M. Moody, quien en 1977 había “comprado” la isla de Pidertupi en la comarca Guna Yala, y quien desde entonces empezó a explotar el turismo en la región. Moody consecuentemente prohibió a los Guna que pescaran alrededor de la isla, lo cual generó una tensión profunda entre los indígenas y el norteamericano. Los Guna entonces “solicitaron la intervención del presidente de la República [Omar Torrijos Herrera] para eliminar la empresa turística de Moody y su apoyo para establecer hoteles turísticos manejados por los mismos [G]unas” (Pereiro y otros, p, 82). Al no hacer caso a las demandas de los indígenas, unos jóvenes Guna atacaron a Moody y su esposa, quemaron su hotel y su yate, y mataron a dos policías. Moody consecuentemente se refugió en la embajada norteamericana y acusó a los Guna de ser unos “comunistas” que buscaban tomar el país, y acabar con los “yanquis”. La noticia fue ampliamente difundida por los periódicos y los noticieros televisivos en Panamá. Pero al final, los Guna salieron victoriosos al ganar una demanda legal contra Moody en la defensa de sus territorios y autonomía, lo cual obligó al norteamericano a dejar Guna Yala. La isla de Pidertupi consecuentemente pasó a manos del Congreso General Guna (CGK). (Keme, 2018, p. 21-22).

Emil’ Keme dá continuidade à sua abordagem histórica argumentando que, assim que tomou conhecimento sobre essa invasão territorial, Takir Mamani decidiu se reunir com as autoridades de Guna Yala. Na reunião, lhe disseram que Abya Yala é o verdadeiro nome do continente, e não América como estava sendo difundido pelos poderes dominantes. Pediram, então, que aproveitasse sua oportunidade de participar de reuniões internacionais para difundir essa mensagem, compartilhando o verdadeiro nome do continente. Mamani reconheceu que o emprego de nomes estrangeiros aos territórios originários era o equivalente a submeter suas identidades aos desejos dos invasores. Afinal, como defende Emil’ Keme, “renombrar el continente es el primer paso hacia la descolonización epistémica y el establecimiento de nuestras soberanías o autonomías indígenas” (Keme, 2018, p. 22).

Após apresentar essa importante contextualização histórica – episódio que lamentavelmente continua ausente na maioria dos manuais acadêmicos, didáticos e de formação de docentes – o autor enfatiza que sua intenção com o referido ensaio é retomar a reivindicação de Abiyala apresentada pelo povo Guna, de modo a fazer dela uma ponte indígena *transhemisférica*. Isso se faz importante para serem fortalecidas articulações entre povos indígenas de diferentes regiões do continente, somando forças em defesa de seus direitos e soberanias, dadas as ainda existentes violências coloniais. Em suas próprias palavras:

En este trabajo quiero retomar la petición de los Guna y de Mamani con el objetivo de proponer Abiyala como un puente indígena transhemisférico. Al evocar esta categoría pretendo desarrollar un diálogo que potencialmente nos sirva para generar alianzas políticas en la formación de un nuevo bloque indígena y no indígena que haga frente a las políticas culturales etnocéntricas y económicas encarnadas en las ideas “América” y “Latinoamérica” / “Latinidad” a nivel nacional, continental y transhemisférico. Me parece que el momento es apropiado dadas las permanentes confrontaciones que hemos venido teniendo con los estado-nación “modernos”, los cuales se caracterizan por reciclar lógicas colonialistas que nos siguen desfavoreciendo. Se trata pues, como lo epitomiza la lucha del pueblo Guna contra Moody, y la articulación de la categoría de Abiyala, del desarrollo de pensamientos y estrategias indígenas colectivas en la restitución y dignificación de la vida indígena y de nuestras soberanías. (Keme, 2018, p. 22-23).

Apenas para citar um dos incontáveis exemplos dessa reciclagem colonial apontada pelo pensador, no Brasil tem sido defendida pelos herdeiros da colonialidade a inescrupulosa tese do Marco Temporal, que já tem repercutido seus sangrentos impactos. Em janeiro de 2024, lideranças indígenas do povo Pataxó Hãhãhai foram brutalmente atacadas, uma delas tendo sido assassinada. Representantes políticos indígenas argumentam que esse covarde assassinato foi impactado pela tese do Marco Temporal, nomeada por eles como genocídio legislado:

A cena lembrava um ataque da Ku Klux Klan. No último domingo 21, a barbárie no campo ganhou mais um exemplo chocante. Duas pessoas indígenas foram jogadas no chão cercadas por fazendeiros na Bahia. Ele, um homem portando um cocar, ela, uma mulher segurando o maracá em riste com o cotovelo apoiado no chão. O homem era o cacique Nailton Muniz, liderança política histórica do povo Pataxó Hãhãhã. A mulher era sua irmã Maria de Fátima Muniz, conhecida como Nega Pataxó, pajé, cantora, rezadeira do seu povo. Nailton ficou gravemente ferido. Nega Pataxó morreu. Ambos haviam sido alvejados por tiros, estavam feridos e, junto a outras pessoas indígenas, foram também espancados por uma bancada ruralista autointitulada “Invasão Zero”. [...] O funeral de Nega foi acompanhado pela ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, a deputada federal Célia Xakriabá e o coordenador executivo da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, Dinamam Tuxá. Os três, em seus pronunciamentos, enfatizaram o impacto da tese racista do “Marco Temporal”, que visa impedir o reconhecimento da ocupação tradicional dos territórios indígenas, voltou à pauta como um genocídio legislado no congresso, e estará em discussão no judiciário neste ano. (Milanez *et al.*, 2024).⁸

⁸ Disponível no seguinte endereço: [https://www.cartacapital.com.br/sociedade/quem-sao-os-cul-](https://www.cartacapital.com.br/sociedade/quem-sao-os-cul)

Com tais fatos apresentados, fica ainda mais inquestionável a importância de se destinar especial atenção à esfera conceitual que se estabelece no campo do discurso. Enquanto os herdeiros da colonialidade se empenham em perpetuar essa lógica de dominação – atacando direitos, invadindo terras e assassinando inocentes – , lideranças e demais a(r)tivistas indígenas seguem lutando sobretudo por meio das contra-narrativas. Isso se relaciona com o que defende empenhadamente o multiartista potiguara João Nyn (2020, p. 10), de que não há como demarcar territórios físicos sem demarcar imaginários. Não se trata apenas de atualizar a retórica no campo do discurso, ainda que esse já fosse motivo legítimo e suficiente. Mas também, por meio da esfera do discurso, desnudar as violências – aparentemente inocentes – que existem por trás das retóricas dominantes.

Demarcar imaginários, portanto, se relaciona diretamente com o que defende o pensador Emil’ Keme em seu ensaio, sobre a importância de que sejam difundidas forças transhemisféricas, tensionando categorias coloniais. A esfera do discurso e das expressões intelectuais e artísticas, além de ser veículo de expressão cultural e subjetiva, também são potentes aliadas no fortalecimento das soberanias e dignificação da vida, não apenas dos povos indígenas de Abya Yala, mas em defesa de toda a vida (humana e mais que humana) que habita o cosmos.

Por isso, o uso do termo “cultivo” no título desta seção não foi empregado de maneira arbitrária, mas sim por se tratar de uma palavra que está diretamente relacionada ao campo semântico do cuidado com a Terra. Essa decisão foi tomada pois acredito veementemente naquilo que defende o já citado João Nyn, que o imaginário é um território que precisa ser constantemente nutrido, seja para fortalecer o cuidado com a vida, seja para confrontar os ataques agrotóxicos e extrativistas, no campo do discurso e fora dele. Se Abya Yala significa Terra Fértil, Terra Madura ou Território Salvado, não há possibilidade de fertilização desse território sem passar pelo cultivo do imaginário e pela defesa da vida.

En Abya Yala, muchas marronas libres

O título desta seção faz referência direta ao refrão da 8ª canção do disco de Brisa Flor, *Marronas Libres*, uma parceria com a artista Abi Llanque (instagram: @abillanque). Observemos o fragmento que segue, iniciado em 2min e 25 seg. do seguinte endereço: https://www.youtube.com/watch?v=3oF_ks7yGqY:

‘Tão esperando um deslize, não me querem livre
Esperando um deslize pra me pôr na jaula
Mas vão ter que se acostumar, en Abya Yala
Muchas marronas libres en Abya Yala

Esperando um deslize, não me querem livre
Esperando um deslize pra me pôr na jaula
Mas vão ter que se acostumar, en Abya Yala
Muchas marronas libres (Flow, 2022)⁹

O deslize apresentado na letra se refere diretamente ao sistema de políticas coloniais que segue se atualizando, visando perpetuar dominação e hegemonia. Entretanto, por mais brutais que sejam as forças coloniais, há também a incansável resistência, na defesa por autonomia e emancipação. É isso que enuncia Brisa Flow de maneira contagiante e envolvente por meio de suas vigorosas rimas, bradando que em Abya Yala a liberdade é e sempre será inegociável. Isto é, por mais que as garras da colonialidade sempre estejam à espreita, nenhuma jaula será tolerada:

Nota-se, assim, que o refrão da música de Brisa Flow e Abi llanque se conecta com mais um argumento presente no ensaio de Emil' Keme: “Se trata pues de abrir la jaula que los invasores nos colocaron, y escuchar la pluralidad de historias que caracterizan a nuestros pueblos; de romper con todas aquellas cadenas explotativas que el colonialismo nos ha impuesto (Keme, 2018, p. 37)”. Ou seja, aquilo que ambos os a(r)tivistas indígenas estão defendendo é sua emancipação, emancipação da voz, emancipação da subjetividade e que, como consequência, potencialize a defesa pela afirmação da vida e do Bem Viver.

Janequeo, Janequeo, Marichiweu¹⁰

Além de nomear o mais recente disco de Brisa Flow, *Janequeo* também dá nome à 9ª canção do disco. A faixa inicia com um *beat* que provoca uma sensação densa e melancólica, e que, logo em seguida, é acompanhado do ecoante canto da rapper. Essa é a sensação que tenho ao escutar a faixa, da reverberação de um eco, que sofreu empenhadas tentativas de sufocamento ao longo da história, mas que segue vivo: “mas o sonho segue vivo, sua força eu respiro (Flow, 2022)”. O ato criativo possibilita, assim, que esse canto seja ecoado e através dele a memória ancestral seja fortalecida, tendo a voz de Brisa como veículo. Talvez resida aqui uma inspiradora sincronia com a decisão de sua mãe pela escolha de seu nome, do canto que vem da cordilheira e que é transmitido a partir da atuação criativa da artista, possibilitando a reverberação dos ecos dos ancestrais.

⁹ <https://genius.com/Brisa-flow-and-abi-llanque-marrona-libre-lyrics>. Acesso em 29 de jan. de 2024.

¹⁰ Em entrevista concedida por Brisa Flow para a *Warmis: organização de mulheres imigrantes voluntárias, oriundas de diferentes países, entre eles o Brasil*, logo no início da matéria há a informação de que *Marichiweu* significa 10 vezes venceremos. Disponível em: <https://warmis.org/artigos/resistencia-nao-domesticada-brisa-flow>. Acesso em 20. fev. 2023.

Decidi empregar este termo no título da sessão por ele acompanhar um dos versos mais emblemáticos da canção *Janequeo*. A proximidade sonora entre as palavras *Janequeo* e *Marichiweu*, somada à ênfase semântica relacionada significado de resistência impulsionado por elas, também foram significativos para a decisão de nomear o título da seção em questão.

Janequeo foi uma valente mulher mapuche que em meio ao século XVI lutou bravamente pela defesa de seu território contra a colonização espanhola. Entretanto, é importante lembrar que as narrativas oficializadas da história até há pouquíssimo tempo registravam e veiculavam apenas os documentos coletados pelas instituições hegemônicas, legitimados pelas mesmas políticas coloniais que invadiram, saquearam e assassinaram vozes e histórias indígenas. Assim, é sempre importante se atentar para os contextos nos quais as narrativas são construídas, ideológica e politicamente.

Em uma matéria de Diana Massis, da *BBC Mundo*, a historiadora María Gabriela Huidobro argumenta sobre aquilo que já é de conhecimento para boa parte daqueles que questionam as ideologias heteropatriarcais, que as mulheres raramente apareciam nas crônicas históricas e que quando isso acontecia eram apresentadas de maneira estereotipada. Ou muito frágeis e indefesas, ou ferozes demais a ponto de serem lidas como demasiadamente masculinas: “Por eso los cronistas describen Janequeo como una mujer varonil, una amazona”. (Massis, 2020.).

Sendo Janequeo uma guerreira mapuche, é indispensável que as vozes desse povo tenham garantidos seus devidos espaços de atualização e veiculação da memória dessa guerreira ancestral. É que argumenta Seba Calfuqueo, artista mapuche que também tem realizado uma inspiradora atuação artística e que tem tensionado as normas binárias, coloniais e heteropatriarcais. Na referida matéria de Diana Massis (2020), Calfuqueo argumenta que, mais importante do que assegurar se Janequeo existiu ou não é se atentar para o significado que a guerreira apresenta hoje para o Povo Mapuche. Além disso, para Calfuqueo:

A diferencia de los hombres, Janequeo carece de morfología. Sabemos que Caupolicán era grande, era tuerto, mientras ella era como la desquiciada. La idea de amor que tiene su relato es compleja. Se venga porque matan a su hombre y aunque me parece verosímil, también es reduccionista hacia su figura como líder, porque probablemente no fue solo por eso, fue por un despojo de territorio. Ella tiene la potencia de reescribir la historia desde los lugares que han sido despojados de la historia oficial. (Massis, 2020).

Nessa mesma matéria jornalística, a poeta mapuche Roxana Miranda Rupailaf acrescenta uma consideração muito próxima àquela apresentada por Seba Calfuqueo. Para ela:

En nuestro imaginario siempre existió y siempre existe Janequeo, está instalada en el relato oral y eso es bonito porque vamos todos construyendo su historia. Me gusta llamarla lideresa o weichafe.

Ella lidera ejércitos de hombres y eso demuestra que mucho de lo patriarcal llega con la invasión, por eso hoy se mira a Janequeo como una figura importante y se ha vuelto a levantar en esta lucha feminista con nuestras propias identidades. (Massis, 2020).

Como afirmam as artistas mapuches, o que há de mais importante no legado de Janequeo é como sua luta reverbera na atualidade. Isto é, como a história dessa valente mulher indígena é atualizada pelas atuais gerações de indígenas de Abya Yala.

Como também visto, não há como assegurar apenas com base nos documentos oficializados de que maneira sucedeu a atuação de Janequeo ao longo da história. O que sim é possível afirmar, e com suficientes registros, são as ainda incontáveis denúncias de invasões de terras e demais violências cometidas contra povos originários de Abya Yala. Lamentavelmente esse cenário ainda hoje condiciona muitas mulheres e homens indígenas a serem atacados por defenderem seus territórios e suas culturas, tendo suas vidas assassinadas covardemente, como o acontecido com Nega Pataxó, citado anteriormente.

Por isso, é fundamental que se articulem forças em variados contextos sociais como forma de confrontar esses covardes ataques. E sendo os ambientes universitários um espaço de demarcação do imaginário, reside aí o dever de formar profissionais com a devida instrumentalização criativa, teórica e política. Assim, me parece que esse é um potente caminho de contribuir com o enfrentamento das desigualdades culturais, epistêmicas e políticas e atuar de maneira multiplicadora na defesa dos direitos das culturas e soberanias dos povos indígenas através da formação de professores e estudantes conscientes.

Demarcar imaginários para defender a afirmação da vida: por uma prática de docência contra-hegemônica e cosmopolítica

Ao longo deste texto tem sido argumentado sobre os impactos nocivos dos efeitos da colonialidade ao longo dos mais de cinco séculos de invasão de Abya Yala, e, ao mesmo tempo, também pudemos ver que não há como demarcar territórios físicos sem demarcar imaginários. Assim, considerando que as instituições acadêmicas são espaços de construção e legitimação do saber, elas são, a rigor, um dos ambientes onde ocorre mais efetivamente a demarcação dos imaginários legitimados pelas ciências institucionalizadas. É importante lembrar, entretanto, que os discursos acadêmicos não são neutros e nem estão isentos da reprodução de violências e desigualdades, muito pelo contrário, também foi através deles que a colonialidade foi respaldada.

Por isso, quando se trata das ciências humanas – e mais especialmente das áreas que visam a formação de docentes – deve-se avaliar constantemente as gra-

des curriculares e as metodologias teóricas e práticas, verificando se elas estão empenhadas no desenvolvimento de um ensino comprometido com o enfrentamento das desigualdades, ou se seguem favorecendo hegemonias.

Essa é uma atitude que não deve ser exercida apenas por um reduzido grupo de ativistas e aliados, que se empenham ativamente na luta por uma sociedade antirracista, antisexista e antiheteropatriacal e na defesa da preservação da Terra. É algo que deve estar presente na formação de todos os profissionais de docência, tendo em vista que já existem legislações que preveem a obrigatoriedade de muitos desses temas nos currículos escolares. No Brasil, temos como exemplo as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornam obrigatório respectivamente o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena em todo o currículo escolar. Assim, é indispensável que os professores em formação recebam as devidas ferramentas para que atuem com consciência e responsabilidade em sua prática docente.

Já não há mais como serem aceitos argumentos que afirmam a existência de uma suposta escassez de repertórios disponíveis produzidos por vozes indígenas, afro-diaspóricas e de dissidência de gênero e sexualidades. Exemplo disso, é o que afirma Seba Calfuqueo em entrevista virtual concedida para a 34^a *Bienal de São Paulo*, edição esta que acabou se destacando pelo expressivo número de artistas indígenas participantes. Eis o que considera Calfuqueo:

En Chile siempre se habla del arte contemporáneo mapuche como algo nuevo. Yo no creo que los artistas contemporáneos mapuches sean algo nuevo. Yo siempre he creído que han estado siempre, pero la historia del arte o los intereses dentro de las artes visuales nunca han estado en esos espacios, nunca han develado esa historia. Entonces, no es que existamos los primeros artistas indígenas, sino que existen desde hace mucho tiempo antes y no le han puesto el ojo que deberían poner a esas producciones. (Calfuqueo, 2020).

De modo semelhante ao que argumenta Seba, a premiada ficcionista travesti Camila Sosa Villada argumenta em sua recente passagem pelo Brasil.

No me parece que nosotras no escribíamos porque estábamos en silencio, sino que no nos escuchaban. Nosotras venimos escribiendo desde hace muchísimo tiempo, de hecho la FLIP ahora fue sobre una escritora negra que escribía, no sé, en 1700, 1800. [...] Entonces, quiero decir que nosotras sí escribíamos, lo que sucedía es que no nos publicaban. Y si nos publicaban, nos dejaban en el rincón más oscuro de una librería. Entonces, nadie se acercaba a leer. (Villada, 2022).¹¹

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDe875pY238&t=2120s>. Acesso em 31 jan. 2024.

A romancista foi uma das principais atrações da Flip de 2022, tendo sua mesa como a 2ª mais disputada do festival, atrás apenas da vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 2022, Annie Ernaux. Os depoimentos de Seba Calfuqueo e de Camila Sosa Villada apenas reforçam aquilo que cada vez mais tem sido impossível de ser negado, que espaços oficializados de poder se estruturam e se canonizam com base em ideologias e poderes políticos dominantes. Assim, um dos compromissos dos profissionais de humanidades e da docência é de contribuir para que essas vozes marginalizadas não mais estejam reduzidas *a los rincones oscuros* de que fala a escritora argentina, mas que alcancem os devidos espaços de valorização e prestígio, a começar pelos bancos das academias e dos espaços educacionais e de construção do saber e cultura. Em se tratando do ensino de língua espanhola, gostaria de indicar algumas considerações sobre a importância de se promover um ensino espanhol crítico e emancipatório. Mas antes disso, considero fundamental apresentar brevemente como foi construída a minha relação com esta língua.

Minha decisão por cursar Letras Português/Espanhol, dentre os variados motivos, foi desencadeada pela minha afinidade com essa língua iniciada pouco antes de ingressar no curso. Ao iniciar o período acadêmico, essa identificação não apenas se potencializou, como também me impulsionou a ter percepções culturais, intelectuais e políticas que talvez não tivessem sido alcançadas por mim caso optasse por estudar outra área do conhecimento.

Feitas essas brevíssimas considerações, agora parto para a parte complexa de se lidar com a língua espanhola, pois apesar de ser uma da língua com a qual eu tenha uma profunda afinidade e identificação, trata-se de uma língua que foi imposta coercitivamente contra os povos indígenas colonizados pelos espanhóis, assim como o inglês e o português, que são também línguas trazidas para Abya Yala ao longo do violento processo colonial. Essa é também uma abordagem histórica que não pode estar ausente da formação de professores de espanhol, de modo a evitar que observem essa língua de maneira romantizada e acrítica.

Um possível caminho para a promoção de um ensino de espanhol emancipatório pode ser construído pela leitura crítica sobre como as categorias discursivas foram sendo estabelecidas pelos poderes dominantes, a começar pela categoria América Latina. Lembremos que esta palavra América faz referência a um colonizador e a palavra latina se refere às línguas de origem latina. Nomear dessa forma o território em questão exclui todas as línguas nativas que já existiam aqui, e que – obviamente – não são de origem latina e, além disso, torna herói uma figura que contribuiu com o violento processo colonial.

Ao longo de minha formação em Letras não lembro de ter sido estimulado a me atentar para as violências implicadas a partir das categorias discursivas es-

tabelecidas pelos poderes hegemônicos oficializados. Apesar disso, não é minha intenção – obviamente – deslegitimar a totalidade dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, até porque foi a partir dele que eu desenvolvi habilidades decisivas para minha formação cidadã e para minha percepção política em sociedade. Entretanto, ao perceber o que enuncia a insurgência de vozes dissidentes que – não sem árduo esforço – têm ocupado os espaços de produção de conhecimento institucionais e de expressão artística, considero ser dever do profissional de docência atuar na defesa pela valorização das cosmovisões, epistemologias e subjetividades que foram ocultadas pela história oficializada. Sendo o professor um curador, semeador e multiplicador do conhecimento, me parece que sua atuação tem muito a contribuir.

Uma inspiradora referência de repertório é justamente a artista que tenho apresentado ao longo deste texto, Brisa Flow. Lembremos que Brisa é filha de pais mapuches, que se comunicavam através da língua espanhola. Brisa é a primeira filha a ter contato com a língua portuguesa como língua de formação. Mesmo assim, dá continuidade com o uso da língua espanhola em sua atuação criativa. E não apenas isso, faz dela também uma ponte para o fortalecimento das línguas originárias. Empregando o mapudungun – língua do povo mapuche – em pequenos fragmentos de suas letras, cultiva essa língua ancestral e constrói um trabalho artístico insurgente e cosmopolítico.

Portanto, não se trata de destruir as línguas hegemônicas, até porque elas também são veículos de construção de sentimentos, afetos, subjetividades e percepções de mundo, inclusive de povos subalternizados. Trata-se, sim, de observar o ensino de línguas de maneira consciente, sem fechar os olhos para os perversos efeitos da colonialidade e também sem tolerar a ausência de vozes que foram historicamente apagadas da história oficializada. As línguas oficiais têm o dever de reivindicar o fortalecimento das línguas indígenas.

Fertilizando considerações: expressar, agir e viver com a Terra

O que busquei com o presente texto é apresentar como as vozes e culturas indígenas têm sido inspiradoras na defesa da vida e em propor formas de Bem Viver com a Terra e que, assim, não devem estar ausentes dos repertórios de formação docente e de práticas de ensino, sob pena de se perpetuar violências epistêmicas e desigualdades culturais. Não fosse pela luta indígena, provavelmente o céu já teria despencado¹² em totalidade na cabeça da humanidade.

Muitos são os alertas sobre as crises contemporâneas – sendo a emergência climática a mais evidente. Por isso, me parece que aquilo que defende o artista wapichana, Gustavo Caboco, ao afirmar que a crise climática é também crise de

¹² Referência ao pensamento do xamã yanomami, Davi Kopenawa (2015).

subjetividade (Fontes, 2023)¹³, é algo que deve receber a devida preocupação, e que não se distancia das reflexões apresentadas aqui. Afinal, a pretensão de universalidade – seja nos modos de conceber ciência, seja nos modos de ler o mundo, separando humanidade e natureza, seja proibindo povos marginalizados de exercerem suas culturas e cosmovisões – é uma fratura que foi provocada pela modernidade-colonialidade. É também o pensamento moderno-colonial e as lógicas capitalistas que posicionaram a humanidade sobre todas as outras formas de vida e que, com respaldo das instituições e poderes dominantes, respaldaram a exploração e expropriação da Terra, seres não-humanos e povos por eles marginalizados.

Por isso, me parece urgente cultivar formas contra-hegemônicas de ler e agir com o cosmos de formas a confrontar as lógicas capitalistas, exploratórias e extrativistas. Nas precisas palavras de Suely Rolnik., é urgente confrontar o “inconsciente colonial-capitalístico (2018)”, e também despertar cotidianamente do Coma Colonial de que alerta Gustavo Caboco (2022). Dito de outro modo, é preciso desautomatizar os modos de ver, sentir e agir, individual e coletivamente, e as linguagens artísticas se mostram como um fértil caminho de afirmação da vida.

Sobre o texto do pensador maia k’iche’ Emil Keme, além de ser uma material valioso para apresentar a designação da noção de Abya Yala, também tem o potencial de impulsionar o fortalecimento de olhar crítico do profissional de língua espanhola, instrumentalizando-se teórica e politicamente para que tenha ferramentas consistentes na sua prática docente e que, conseqüentemente, atue na formação de profissionais críticos e antirracistas.

Em relação ao disco de *Janequeo*, de Brisa Flow, desde que foi lançado em 2022 sempre que ouço penso na potencialidade deste trabalho, pela originalidade criativa, pelo envolvimento provocado pela sonoridade e pelas rimas, e também em razão dos importantes temas abordados. Considero esse disco um excepcional material artístico e intelectual, que merece estar presente nos currículos universitários e de educação básica. Principalmente tendo em vista que um profissional qualificado não se forma somente com apoio de textos teóricos, os materiais criativos são também indispensáveis para o desenvolvimento de habilidades críticas e sensíveis.

Ademais, a grandiosidade das canções cantadas em língua espanhola no disco da rapper não se reduz à contagiante sonoridade, mas também em razão da presença das histórias de Abya Yala que não foram contadas pelas narrativas

¹³ Disponível na matéria *Crise Climática também é crise de subjetividade, diz artista indígena Gustavo Caboco*, de Cristiane Fontes, acesso em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/04/crise-climatica-tambem-e-crise-de-subjetividade-diz-artista-indigena-gustavo-caboco.shtml>. Acesso em: 20 fev. 2023.

oficializadas, incorporando, além disso, palavras em Mapudungun, com forma de fortalecimento de línguas indígenas. Ainda, o rap, por ser uma linguagem política e com alto potencial de envolvimento entre jovens, torna as rimas de Brisa um agradável e inspirador caminho de educação cultural, ecológica e política a serem desenvolvidas nessa faixa etária.

Percorridas das reflexões desse trabalho, se retomarmos o significado de Abya Yala: Terra Viva, Terra Fértil, Território Salvado, percebemos que, além de ser um veículo de defesa das autonomias dos povos indígenas, apresenta-se como uma forma mais cuidadosa se observar a vida em relação ao território, pois não há vida sem território nem território sem vida. Terra Viva é a Terra que precisa constantemente ser protegida, cultivada, e para isso, não há outro caminho que não o de confrontar a lógicas extrativistas que se empenham em saquear a Terra e todas as formas de vida nela habitantes.

Abri este texto fazendo um convite de escuta da canção que abre o disco de Brisa Flow, *Cerquita*. Gostaria de encerrar, também convidando a audição da música que fecha o disco, *Originária*. Através da melodia, a voz de brisa nos carrega pelas milhares e milenares etnias originárias de Abya Yala <https://www.youtube.com/watch?v=-GqfR9VO4zE>:



Referências

ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BIENAL de São Paulo. #34bienal (Entrevista/Interview) Sebastián Calfuqueo Aliste, dez 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5IUvNhQ-3qo&t=229s>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRISA Flow. *Cerquita*. jun. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qmvno3yzGrg>. Acesso em: 30 jan. 2024.

BRISA Flow. *Janequeo*. jun. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tfVqNcV6ahA>. Acesso em: 30 jan. 2024.

BRISA Flow. *Marrona Libre*. jun. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3oF_ks7yGqY. Acesso em: 30 jan. 2024.

BRISA Flow. *Originária*. jun. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-GqfR9VO4zE>. Acesso em: 30 jan. 2024.

CABOCO, Gustavo. Intervenção urbana: *Coma Colonial*. Caboco, 2020. Disponível em: <https://caboco.tv/>. Disponível em: caboco.tv. Acesso: 20 jul. 2023.

CABOCO, Gustavo. *Sobre a arte indígena contemporânea disse o Caboco*. Galeria Jaider Esbell, 2020. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2020/05/02/sobre-a-arte-indigena-contemporanea-disse-o-caboco/>. Acesso: 30 jun. 2023.

CUNHA, Marco Antonio. *Brisa Flow fala sobre amor, coragem e autonomia dos povos originários em Janequeo*. Boomerang Music, jun. 2022. Disponível em: <https://boomerangmusic.com.br/brisa-flow-fala-sobre-amor-coragem-e-autonomia-dos-povos-originaarios-em-janequeo/>. Acesso: 31 jan. 2024.

FONTES, Cristiane. *Crise climática também é crise de subjetividade, diz artista indígena Gustavo Caboco*. Folha de São Paulo, 21 abr. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/04/crise-climatica-tambem-e-crise-de-subjetividade-diz-artista-indigena-gustavo-caboco.shtml>. Acesso: 20 fev. 2024.

GENIUS. *Marrona Libre*. Disponível em: <https://genius.com/Brisa-flow-and-abi-llanque-marrona-libre-lyrics>. Acesso em 31 jan. 2024.

GUAJAJARA, Kaê – tema. *Mãos Vermelhas*. jan. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nZxUSD0LSao>. Acesso em: 30 jan. 2024.

GUAJAJARA, Sônia. *Sônia Guajajara: A luta pela Mãe Terra e a mãe de todas as lutas – CUMULUS TV*. vídeo (4 min 14 seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Tu1jrv_SuM0. Acesso: 26 jun. 2023.

KEME, Emil'. *Para que Abiyala viva, las Américas deben morir*. Native American and Indigenous Studies, v. 5, n. 1, pp. 21-41, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/42807469/Para_que_Abiayala_viva_las_Américas_deben_morir_Hacia_una_Indigeneidad_transhemisférica. Acesso em: 30 jan. 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIBRANDI, Marília *et al.* Nem modernista, nem anti-modernista, a Arte Indígena Contemporânea (e cosmopolítica) na vanguarda de um Brasil que jamais foi moderno. Entrevista cedida a Ricardo Machado. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, abr. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/618002-nem-modernista-nem-anti-modernista-a-arte-indigena-contemporanea-e-cosmopolitica-na-vanguarda-de-um-brasil-que-jamais-foi-moderno>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MASSIS, Diana. *Quién fue Janequeo, la poderosa e invencible guerrera mapuche (y por qué su imagen es símbolo de las protestas de Chile)*. BBC News Mundo, set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-54183209>. Acesso: 31 jan. 2024.

MILANEZ, Felipe *et al.* *Quem são os culpados pelo brutal ataque aos Pataxó Hãhãhã na Bahia?*. Carta Capital, jan. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/quem-sao-os-culpados-pelo-o-brutal-ataque-aos-pataxo-hahahai-na-bahia/>. Acesso: 31 jan. 2024.

Ministério dos Povos Indígenas. *Institucional*. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/aceso-a-informacao/institucional>. Acesso em: 20 fev. 2024.

NYN, João. *Tybyra: uma tragédia indígena brasileira*. = Tyryrá: ymã mba'e wai nhandewa regwa pindó reta-re; Ilustrações: Denilson Baniwa. – São Paulo: Selo do burro, 2020.

PLANETA de Livros Brasil. *Sou uma tola por te querer com Camila Sosa Villada na Megafauna | Bate-Papo Completo*, jan. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDe875pY238&t=1904s>. Acesso em: 31 jan. 2024.

RAP, falando. *Brisa Flow | Programa RAP, falando: Ep. 19, Temp. 02*. ago de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PhHt_w3Jz5A&t=3993. Acesso em: 26 jan. 2024.

PONTE Jornalismo. *Brisa Flow: 'Quero quebrar o estereótipo colonizador do que é o indígena'* – Ponte Jornalismo. nov de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9-TI7GJa7bI&t=41s>. Acesso em: 26 jan. 2024.

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2019. 208p

TURINO, Célio. Prefácio à edição brasileira. Prefácio. In: ACOSTA, A. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante. p. 13-17.

WARMIS. Resistência não domesticada. [Warmis entrevista Brisa Flow]. *Equipe Base Warmis Convergência de Culturas*, São Paulo, 2020. Disponível em: link. Acesso em: <https://warmis.org/artigos/resistencia-nao-domesticada-brisa-flow>. Acesso em 20 fev. 2024.

